

A ORALIDADE E A ESCRITA NO GÊNERO CORDEL ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Gabriela Santana de OLIVEIRA¹- UFCG

Área do subprojeto: Linguagens e Arte

Resumo:

O presente trabalho objetiva inserir no âmbito acadêmico uma maior abordagem sobre a literatura de cordel no âmbito do ensino através da experiência realizada, bem como refletir sobre a relevância de práticas pedagógicas inovadoras que levem a literatura de cordel para a sala de aula. Nesse sentido, através dessa pesquisa-ação qualitativa refletiremos sobre a experiência que tivemos com uma sequência didática que elaboramos, no qual trabalhamos o cordel sob a temática da sustentabilidade com alunos do 2º ano de uma escola pública estadual localizada no município de Massaranduba (PB). Através da presente proposta realizada em sala, refletiremos sobre os aspectos da oralidade pertinente à linguagem dessa literatura de cunho popular, bem como a escrita trabalhada com os discentes, o que resultou na produção de um livro de cordéis, cujos alunos escreveram seus textos após um trabalho com a leitura de folhetos em sala de aula. Portanto, para realizar a fundamentação desse trabalho, tomamos como aporte teórico: Marinho e Pinheiro (2012), Bordini e Aguiar (1993), Cosson (2006), PCNEM (2000), OCEM (2008), RCEM-PB (2006), Todorov (2007), Lima (2006), Farias (2010), dentre outros.

Palavras- chave: cordel; ensino; escrita; oralidade; sequência didática.

INTRODUÇÃO

Infelizmente, o ensino de literatura ainda se pauta na excessiva abordagem histórica seguida com estilos de época com características e dados biográficos dos autores. Essa concepção não consegue instigar os alunos a enxergarem a literatura de forma prazerosa, todavia, o distancia desse importante saber, porque o educando não é estimulado a ler o texto literário, o que o faz não vê sentido no que está sendo estudado e conseqüentemente sentir ojeriza à literatura que ainda tem sido abordada com “apenas

¹ Graduada em Letras- Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cursando especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela UEPB, Mestranda em Literatura e Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (POSLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e professora efetiva de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino da Paraíba. E-mail para contato: gabrielasantana_118@yahoo.com.

uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época” (COSSON, 2006, p. 21).

Nesse sentido, defendemos o ensino de literatura ancorado em uma concepção que “privilegia o contato direto do estudante com as obras literárias de diferentes gêneros e épocas” (RCEM-PB, 2006, p. 81). Através dessa nova perspectiva, alunos e professores terão uma maior interatividade quando estiverem estudando literatura, tendo em vista que o texto literário terá maior relevância, de forma que através de sua leitura, a sala de aula passará a ser um espaço de debate e reflexão.

Além disso, trabalhar a literatura de forma inovadora na sala de aula pressupõe que as aulas terão como finalidade promover o letramento literário defendido por Cosson (2006). No entanto, é necessário que o docente não restrinja suas aulas ao aspecto essencialmente expositivo, porém desperte nos discentes o prazer pela leitura literária, mesmo diante das dificuldades encontradas.

É preciso que o professor chame sempre a atenção dos educandos para o fato de que as facilitações de leitura e o pragmatismo nem sempre levam a um amadurecimento do jovem como leitor e como pessoa. Essa postura põe em cheque as tradicionais aulas expositivas, e sobre tudo os modelos fechados de interpretação que ainda predominam em muitos livros didáticos. (RCEM-PB, 2006, p. 82)

Essa ausência de finalidades no ensino de literatura tem distanciado os discentes do universo literário, pois geralmente, o livro didático enquanto importante ferramenta pedagógica traz fragmentos de textos literários seguidas de questões que priorizam a confirmação das formas fixas e características pontuadas no livro, o que compromete o contato e o deleite com os gêneros em sala de aula, tais como: contos, crônicas e poemas dentre outros conforme defende Todorov (2007).

Outra dificuldade encontrada relaciona-se ao fato de que quando as aulas de literatura levam textos literários para a sala de aula, esse momento que deveria ser de deleite e de aprendizado, recai nos textos fragmentados do livro didático que é seguido de propostas de atividades que ainda apresentam lacunas quanto o incentivo a leitura integral do texto literário e a compreensão de suas nuances a partir da experiência leitora conforme defende Bordini e Aguiar (1988). Dessa forma, percebemos que embora o livro didático seja uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, continua sem atividades que propiciem a criticidade e reflexão do discente, mas para comprovar características dos períodos literários anteriores, nos

remetendo assim ao que Todorov (2007) classifica como o perigo no ensino de literatura.

Quanto aos gêneros literários no âmbito do ensino, é importante ressaltar que a mudança da metodologia utilizada e a ordem dos conteúdos presentes no ensino médio não possibilitam a um “passe de mágica”, como se diz popularmente, a formação de leitores de literatura. Porém, há uma extrema necessidade em melhorar a atitude que a escola tem diante da literatura. Um bom caminho a seguir, rumo a uma prática pedagógica formadora de leitores de literatura está na continuidade ao trabalho com o texto literário, provavelmente, já conhecido pelo aluno durante o seu ensino fundamental, “trabalhando com obras cujas situações representativas e a linguagem esteja mais próxima das experiências dos jovens leitores”. (OCEM-PB, 2006, p.83)

Nos Referenciais Curriculares da Paraíba (2006) o professor pode encontrar um direcionamento a fim de alcançar uma proposta para a literatura no ensino médio que priorize o texto enquanto unidade de sentido, ao mesmo tempo deve ocasionar ao aluno o contato com textos de diferentes gêneros literários.

A proposta de ensino discorrida nos Referenciais da Paraíba (2006) propõe uma inversão no modo como se apresentam os conteúdos do ensino médio. No lugar de incitar o estudo de literatura com autores de séculos passados, é recomendável que o ponto inicial a ser trabalhado parta de autores considerados contemporâneos, deixando de lado o historicismo sob a ótica dos gêneros literários, ao mesmo tempo em que leva para a sala de aula a perspectiva do Método da Recepção.

2. A abordagem do cordel na sala de aula mediante o Método Recepcional

Inicialmente, o termo literatura de cordel foi atribuído por estudiosos que pesquisavam de forma mais aprofundada sobre folhetos vendidos nas feiras seguido de cantorias e declamações que chamavam a atenção dos que por ali passavam.

No entanto, ela não advém do nada, é proveniente dos portugueses que produziam os livros impressos em papel barato com gêneros bem diferentes do cordel brasileiro, como por exemplo: autos, sátiras, peças teatrais, histórias fantásticas e moralizantes.

De forma divergente da realidade do Brasil, o folheto português não escrito por violeiros, repentistas, poetas e outras camadas mais humildes da sociedade, porém por “advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 19).

De raízes lusitanas o cordel começou a ser produzido entre os séculos XV, XVI, XVII para um público consumidor de carga intelectual letrada. Posteriormente, essa literatura popular passou a ser identificada pelo povo nordestino, através de uma linguagem mais próxima da realidade local constituindo-se em uma união entre o artesanato e o fenômeno social. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 43).

Não obstante, por meio de uma linguagem simples, comunica-se com o povo, uma maneira particular dos contadores de história permitindo a informação. O vocabulário típico, cujo conteúdo semântico é bastante peculiar reflete o repertório vocabular presente nas feiras livres do nordeste (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 43).

O período de maior culminância dessa literatura foi entre as décadas de cinquenta e quarenta com temáticas voltadas para o contexto político da época que foi o auge do governo de Getúlio Vargas.

Precisamente, em 1958 o cordel sofre um período negativo para a sua produção e que ficou conhecido como: “Crise do cordel” que foi caracterizado por uma redução no número de todo o processo ligado à publicação desse cordel como, por exemplo: o número de tiragens, gráficas especializadas. As prováveis motivações foram apontadas por conta da disseminação do rádio e da televisão segundo defende Lima (2006).

Embora a literatura de cordel tenha sofrido durante esse período de crise uma redução de leitores, no início da década de 70 ela volta a ter um maior espaço através da recriação de filmes, novelas. De forma que, resgatou a linguagem, bem como as narrativas que ganharam uma nova roupagem no âmbito dos meios de comunicação.

Quanto à abordagem do cordel ao ensino, observamos que embora ela tenha passado muito tempo ausente do cânone literário nacional, bem como do currículo escolar, ela tem alcançado maior espaço na escola. Além desse aspecto, os próprios documentos oficiais de ensino, tais como: As Orientações Curriculares do Ensino Médio (2008), Os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio (2000) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006) têm sido abordados como parte relevante da literatura brasileira e que deve ser trabalhada em sala de aula, uma vez que os vestibulares tem requerido esse conhecimento dos discentes do Ensino Médio. Desconstruindo assim, o estudo da literatura concentrado unicamente no cânone através de uma tradição retórica conforme assevera Farias (2010).

Observamos ao longo de nossa trajetória enquanto professor e pesquisador que a escola brasileira ainda não valoriza devidamente o leitor/aluno, e por isso a aplicação do

Método Receptional se torna complicada e ausente do planejamento, uma vez que este se preocupa com o ponto de vista do aluno, propondo uma aproximação entre texto e leitor, de modo a proporcionar uma real interação entre eles.

Nesse sentido, a inovação proposta pelo Método Receptional no sistema de ensino nas salas de aula brasileiras, tem tornando a sua aplicação eficaz por se preocupar diretamente com o aluno e com o conhecimento prévio que ele apresenta para com o conteúdo abordado, bem como com a constatação de seu horizonte de expectativas. Isso nos mostra que o método de abordagem da Estética da Recepção leva em conta inicialmente o conhecimento de mundo que o aluno leva para a escola, e só em seguida facilita o contato com o texto. Bordini & Aguiar (1988, p. 87) afirmam ainda que:

Munidos dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os.

Percebemos as duas etapas (determinação do horizonte de expectativas e sua possível ampliação) elencadas pelas autoras para a aplicação do Método Receptional. No entanto, o método proposto por elas é composto por cinco etapas, sendo: Determinação do horizonte de expectativas; Atendimento do horizonte de expectativas; Ruptura do horizonte de expectativas; Questionamento do horizonte de expectativas e Ampliação do horizonte de expectativas.

Temos então que o primeiro passo do professor na sala de aula seria realizar a *determinação do horizonte de expectativas* da turma, com a finalidade de prever possibilidades para a sua transformação. Esse horizonte de expectativas deve conter os valores dos quais os alunos prezam, e pode ser constatado através da observação direta do comportamento, dos comentários informais realizados por este com relação a alguma obra, entre outras formas.

A próxima etapa engloba o *atendimento do horizonte de expectativas* da classe, uma vez que o professor já detectou os valores dos alunos com respeito à literatura, nessa etapa ele pode proporcionar experiências com os textos literários que satisfaçam as necessidades dos alunos.

Na terceira etapa o professor irá *romper o horizonte de expectativas* do aluno através da introdução de textos e atividades de leitura que devem abalar as certezas e os

lambres construídos e demonstrados pela turma. Essa etapa dará continuidade à etapa anterior, através de textos que contemham o mesmo tema, estrutura ou linguagem. Bordini e Aguiar aconselham que os demais recursos sejam drasticamente diferentes, para que o aluno perceba estar entrando em um campo diferente, mas que também não se sinta inseguro ao ponto de rejeitar a experiência.

A quinta etapa do Método Recepional consiste em o professor propor um *questionamento do horizonte de expectativas* do aluno. Nessa etapa deve ser facilitada uma comparação entre as duas etapas anteriores. Utilizando o material literário já abordado, a classe realizará uma análise de quais textos exigiram uma maior reflexão. A classe deve debater sobre o seu comportamento com relação aos textos lidos, nesse momento deverão surgir perspectivas sobre quais aspectos ainda apresentam dificuldades.

Da reflexão proposta na etapa anterior, será realizada a *ampliação do horizonte de expectativas* do aluno. Nessa etapa eles perceberão que as leituras feitas não se restringem apenas às tarefas escolares, mas também ao modo como eles veem o mundo a sua volta, nessa fase eles tomam consciência do das transformações obtidas através da experiência com a literatura.

3. Refletindo sobre a experiência realizada: a recepção dos discentes com o cordel

A presente pesquisa foi realizada em uma turma de segundo ano do ensino médio. A maioria dos alunos não tinha nenhum tipo de contato com a literatura, pois na escola não dispunha de biblioteca, o que foi o nosso maior desafio, quanto ao incentivo da leitura. Em decorrência da escola está empenhada com o projeto da construção da biblioteca sustentável, a sequência didática de Língua Portuguesa foi elaborada com a finalidade de trabalhar a literatura de cordel sob esse mesmo eixo temático.

No primeiro encontro foi exibido o vídeo: “Literatura de cordel-Globo Rural” no qual os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a origem do cordel, principais cordelistas e a linguagem da xilogravura através de uma reportagem completa, o que posteriormente culminou com uma discussão sobre o presente vídeo de forma interativa, no qual os alunos puderam expor a sua opinião e perguntar mais detalhes sobre a literatura de cordel. Após o vídeo eles realizaram a produção textual de um resumo e ao longo das aulas essa estratégia foi utilizada para que a escrita fosse se tornando uma prática mais comum para aqueles discentes.

Nos outros encontros a temática mais uma vez foi trabalhada mediante a leitura, interpretação em grupos e uma atividade de interpretação textual, incluindo um exercício de compreensão do poema: “A Festa da Natureza” de Patativa do Assaré e a produção de um resumo crítico sobre a maneira pela qual a poesia popular desse poeta evidenciava a questão ecológica.

É importante mostrar que esse foi um momento de extrema interação dos alunos e a recepção foi exitosa, uma vez que muitos alunos moravam em zona rural e outros tinham familiares que conviviam nesse ambiente, o que os fez se identificarem com o texto, as expressões bastante regionalizadas.

Para dar mais suporte ao aluno quanto à questão ecológica, foi exibido o segundo vídeo: “A História das coisas” no qual eles puderam refletir sobre o aspecto sustentável mediante a reflexão do consumismo e da influência capitalista na sociedade.

Após essas discussões reservamos três encontros para que os alunos pudessem realizar a leitura de cordéis, eles foram divididos em grupos e realizaram a leitura dos seguintes títulos: “O Romance do Pavão Misterioso”, “As proezas de João Grilo” e “A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99”.

No decorrer dos encontros foi percebido avanços, e o interesse pela leitura de cordéis foi aumentando, inclusive para aqueles alunos que inicialmente não mostraram interesse em buscar uma leitura literária. Alguns relataram que após as aulas, debates e reflexões realizados sob a mediação docente, tiveram a curiosidade de reler os cordéis fora da sala de aula e foram busca-los na internet.

Por fim, após estudarem a literatura de cordel e a xilogravura partimos para a produção dos cordéis, que culminou com a produção do livro que faria parte do acervo da biblioteca sustentável. Nessa etapa os alunos escolheram versar em seus textos sobre o problema de abastecimento de água pela qual a cidade de Massaranduba estava passando e nos cordéis refletiram sobre a sua falta e os prejuízos que o seu desperdício pode resultar se não houver uma maior preservação.

Cordel 1:

O desespero por água

Hoje não tomei banho para ir ao colégio
A situação daqui, tá pior que a do brejo
Aqueles que têm dinheiro não sobem a ladeira

Os que não têm, sobem com o balde, pois não tem água na torneira.

Sem água o dia inteiro
Veja bem meus caros, há uma contradição.
No açude tem água, mas nas torneiras não tem não
Quando vou reivindicar os meus direitos
Dizem que é apenas um defeito
Logo, chegará água no choveiro.

Os dias vão passando e nada de melhora
Pelo contrário, tudo só piora
Sem acesso a esse bem da natureza
A cidade em desespero cai numa só tristeza
Tendo que madrugar no carro pipa pra ser o primeiro da vez
E lá em casa chegando à conta todo final do mês.

Para amenizar esse sofrimento
Comprei tijolo e cimento
Para uma caixa d'água poder colocar
Pois, sem água não podemos ficar
Mas, para minha decepção
A caixa não tinha uma gota d'água, foi um desespero então.

Para alegria da nossa cidade
Enfim, nosso problema acabou
O que era tristeza agora virou felicidade
Pois, a água finalmente voltou.

Cordel 2:

O clamor da natureza

Nossa água se acabou
O que é que eu faço agora?
O meu mundo desabou
Vou ter que ir embora

À procura dela não sei o que fazer
Sem uma gota nas torneiras, não tenho o que beber
Acabando água aqui seca rio, seca açude, só resta xique-xique, e muita poeira

Do brejo ao litoral
Do sertão ao cariri
Sem esse bem vital
Vou ter que sair daqui

Só um milagre do céu
Para acabar esse sofrimento
Sem a chuva escorrendo feito mel
Minha vida é um lamento

Indo para casa
Percebo que sem água não posso ficar

Pareço um pássaro ferido na asa
Pois, não tenho mais esse bem para me saciar

No meio do caminho
Queria achar um lugar
Procuro água sozinho
Pra sentido a minha vida dar

Vi a chuva lá de longe anunciada
No barulho de um trovão
Me assustei com a zuada
Batendo mais forte o meu coração

Peço a Deus o seu perdão
Porque o homem muito reclama
Destrói a natureza, mata os rios com poluição
Esquece o próximo, só ao dinheiro ama

É isso que te peço agora
Para logo chegar
A nossa melhora
E assim a chuva poder voltar

Se ao final desse cordel
For ouvida minha clemência
Levantarei as mão pro céu
Em gratidão por essa bela providência.

A partir dos cordéis produzidos podemos perceber que a recepção dos alunos com a temática proposta superou as expectativas, uma vez que o desinteresse, a falta do ambiente de leitura na escola escondeu por muito tempo esses jovens talentos que estavam adormecidos.

Pelo fato da cidade ter passado sérios problemas com abastecimento de água porque a “bomba” estava quebrada mesmo com o açude, conforme podemos observar no cordel um, os discentes foram exitosos em sua produção e receberam as leituras dos cordéis a partir de um problema que vivenciaram naquele contexto de produção.

Através dessa atividade compreendemos que por meio de um novo olhar para a literatura em sala de aula, os alunos aprenderam como essa produção cultural é valiosa e “precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de nossas novas gerações” (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p. 133).

Considerações Finais

As reflexões arroladas no decorrer dessa pesquisa nos conduziram a entender que embora a educação apresente inúmeros desafios, através de uma prática que busque

o prazer pela leitura literária, é possível fazer a diferença na maneira pela qual as aulas de literatura são conduzidas. Dificuldades foram encontradas, alunos que não leem, professores desanimados com a profissão e a ausência de uma biblioteca ou sala de leitura que possibilitasse ao discente esse acesso.

A partir dessa experiência foi possível perceber que embora as dificuldades existem no percurso do docente, a busca em despertar a motivação no discente e a inclusão de um olhar crítico diante dessas dificuldades, contribuiu significativamente para que eles pudessem ter experiências culturais fortes ao lerem os cordéis em sala. Mostrando assim, que nessas narrativas em versos é possível conscientizá-los dessa riqueza cultural que há nessa literatura popular.

Contudo, é importante ressaltar que o êxito da atividade foi alcançado porque a sequência didática foi elaborada em consonância com a realidade sociocultural dos discentes conforme discutimos no decorrer desse estudo. Conquistar um espaço de leitura literária, seguido de um trabalho de produção foi um desafio em meio ao pragmatismo ditado pela cultura de massa.

Dessa forma, a literatura de cordel mesmo ainda marginalizada, ao elaborar em sala um trabalho que almeje levar essa literatura para o currículo ainda homogêneo da escola tradicional, requer do professor a noção de que a leitura literária deve ser cultivada mediante o caráter lúdico e não produtivista tão presente nos métodos avaliativos ainda muito quantificáveis das instituições de ensino do Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério de Educação, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de língua portuguesa. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério de Educação, 2008.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método recepcional. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 81-102.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FARIAS, Alyere Silva. **Encontro com Lalino e Cancão:** Estranhamentos e Parecenças na vivência do texto literário em sala de aula. Campina Grande: 2010. 174 f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande.

LIMA, Caroline Genise de Oliveira. **A mulher na literatura de cordel:** uma abordagem léxico- semântica. João Pessoa: 2006, 166. f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal da Paraíba.

MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Coordenadoria de Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba:** linguagens, códigos e suas tecnologias. Girleard Medeiros de Almeida Monteiro (coordenadora geral) João Pessoa: [s.n.], 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. São Paulo: Difel, 2007.